

Subjetividade na pesquisa qualitativa: uma aproximação da produção teórica de González Rey¹

Adriana Ziemer Gallert²

adrianagallert@gmail.com

Denise Gomes Loureiro³

loureiro.dg@gmail.com

Marinalva do Rego Barros Silva⁴

marinalva.rb@unitins.br

Raquel Castilho Souza⁵

raquel.c@unitins.br

Introdução

Este artigo apresenta como a subjetividade tem sido estudada por meio da pesquisa qualitativa, trazendo discussões sobre o processo de construção do conhecimento, a compreensão do sentido subjetivo do ser humano em uma perspectiva histórico-cultural e o papel do pesquisador e dos sujeitos participantes da pesquisa inseridos em um complexo processo de reflexão e de elaboração teórica. Esse estudo tem como referencial a Epistemologia Qualitativa, teoria elaborada pelo pesquisador Fernando Luis González Rey⁶,

¹Artigo elaborado como requisito parcial da disciplina de Pesquisa em Educação, ministrada pela Profa. Dra. Wivian Weller, no curso de Mestrado em Educação da UnB – Universidade de Brasília.

²Pedagoga, Especialista em Investigação Científica, Mestre em Educação. Professora na UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins, na UFT – Universidade Federal do Tocantins e no CEULP – Centro Universitário Luterano de Palmas. E-mail: adrianagallert@gmail.com.

³Geógrafa, Especialista em Planejamento e Gestão Ambiental, Mestre em Educação. Professora na UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins e Técnica da Coordenadoria de Educação Ambiental do Órgão Ambiental do Estado do Tocantins – NATURATINS. E-mail: loureiro.dg@gmail.com.

⁴Historiadora, Especialista em História Econômica, Mestre em Educação. Professora da Fundação Universidade do Tocantins. E-mail: marinalva.rb@unitins.br.

⁵Psicóloga, Especialista em Metodologia e Linguagens em EaD e em Gestão de Recursos Humanos, Mestre em Educação. Professora e Coordenadora de Apoio a Pós-Graduação na UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins. E-mail: rqcastilhopsi7@yahoo.com.br.

⁶Fernando Luis González Rey é formado em Psicologia (1973) na Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana, doutor em Psicologia (1979) pelo Instituto de Psicologia Geral e Pedagógica de Moscou e pós-doutor em Psicologia (1987) pelo Instituto de Psicologia da Academia de Ciências de Moscou. É pesquisador da Universidade de Brasília e professor do UniCEUB e do IESB. Tem atuado como professor visitante da Universidade de Brasília,

que constrói alternativas de superação em relação aos princípios do positivismo e do empirismo no estudo de temas complexos como a subjetividade.

1. SUBJETIVIDADE

Cada vez mais pertinente e necessária à compreensão da realidade, aqui entendida pelo viés da perspectiva histórica, a subjetividade vem ocupando lugar na reflexão da ciência enquanto processo de construção do conhecimento. O debate atual indica que o conhecimento sobre o sujeito não pode prescindir do olhar atento sobre as tramas que o envolvem, sobre as formas como ele se expressa e se articula com o mundo a sua volta, sobre a complexidade de sua configuração individual.

Contudo esta é uma perspectiva recente. Por longo tempo a subjetividade configurou-se como uma dimensão marginal do conhecimento, posto que o paradigma dominante conferia à ciência a supremacia em traduzir a realidade através de teorias e métodos calcados em noções de ordem, previsibilidade e controle. Segundo esse paradigma, o universo era estático, eterno, a-histórico e, como tal, assentava-se em leis imutáveis e universais. Sob esse paradigma, a noção de homem, enquanto objeto de estudo, era compreendida da seguinte maneira:

O homem cotidiano, com seus momentos irregulares, contraditórios e irreversíveis, é expulso e cede lugar a um construto individualista, impessoal, determinado e universal, para quem noções como ação, construção, história, intercâmbio social e cultura são comumente aparências irrelevantes (NEUBERN, 2005, p. 59).

Essa visão concorria para excluir do movimento de acesso à realidade tudo que fosse oposto à noção dominante ou que resvalasse para as dimensões do subjetivo. O vigor do debate epistemológico que ocorreu no século XX colocou em questão esses pilares, sobre os quais se apoiava a ciência, trazendo à tona a questão da subjetividade com concepções e teorias voltadas à compreensão da realidade na perspectiva da complexidade. Nessa

discussão, destacam-se a Teoria do Pensamento Complexo (MORIN, 2005) e a Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY, 1997).

A análise da realidade na perspectiva da complexidade pode parecer, à primeira vista, um contexto de irracionalidade, incerteza e desordem. Entretanto, conforme Morin (2000, p. 38),

[...] *complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais e de maneira cada vez mais inelutável com os desafios da complexidade.

Nesse sentido, a complexidade não pode ser pensada sem a admissão de sua heterogeneidade constitutiva e de sua natureza plural, constituindo-se como uma maneira de compreender a realidade em que aspectos como a desordem, a contradição, o pluralismo, a singularidade, a diversidade, a indivisibilidade e o histórico são princípios importantes. A teoria da complexidade de Morin (2005) é um dos fundamentos da Teoria da Subjetividade de González Rey (1997) em virtude da compreensão complexa que desenvolve sobre o funcionamento psicológico humano. Nessa perspectiva, o conceito de subjetividade é definido como

[...] um macroconceito que integra os complexos processos e formas de organização psíquicos envolvidos na produção de sentidos subjetivos. A subjetividade se produz sobre sistemas simbólicos e emoções que expressam de forma diferenciada o encontro de histórias singulares de instâncias sociais e sujeitos individuais, com contextos sociais e culturais multidimensionais (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 137).

A partir dessa compreensão do conceito, os alicerces da ciência clássica, como a ordem, a separação, a redução e o racionalismo, são subvertidos. A concepção de indivíduo passa pelo que nele há de contraditório, resultado da sua ação como sujeito e dos reflexos da sua história de vida. Compreender o sujeito significa visualizar sua interação com os outros e com o mundo. Em oposição ao reducionismo da ciência, González Rey (2005c, p. 75) argumenta sobre a subjetividade em sua condição ontológica:

O desafio de se apresentar a *psique* a partir de uma visão cultural, despojando-a do caráter determinista e essencialista que acompanhou a maioria das teorias psicológicas, conduz a uma representação da *psique* em uma nova dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico ao qual temos optado pelo conceito de subjetividade.

No estudo da abordagem complexa da subjetividade, González Rey (2005b, p. 44) desenvolve a categoria de *sentido subjetivo*, definindo-a “como a unidade dos aspectos simbólicos e emocionais que caracterizam as diversas delimitações culturais das diferentes práticas humanas em um nível subjetivo”. Caracteriza-se por sua versatilidade diante das variadas ações do sujeito, nos múltiplos espaços nos quais se expressa.

Essa categoria está fundamentada em Vigotski (1987, p. 275-6) que define o *sentido* como

[...] um agregado de todos os fatores psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluída e complexa que tem inúmeras zonas que variam em sua estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto da fala. É a mais estável, unificada e precisa dessas zonas.

Por ser fluída, frágil e sensível, a dimensão de sentido pode apresentar-se de variadas formas, desdobrar-se e novamente associar-se à produção de novos sentidos, com novas qualidades, permitindo uma representação complexa da subjetividade. Seu caráter singular subverte a relação entre uma ocorrência objetiva e sua interpretação psicológica. Pela sua ação recursiva nas ações atuais e pretéritas do sujeito, caracteriza-se como uma produção histórica, posto que aparece apenas na expressão plena do sujeito. Assim, o sujeito e seus diversos sentidos subjetivos, frutos de sua história e dos contornos de sua vida, convertem-se no foco central de estudo da subjetividade.

1.1. Subjetividade individual e subjetividade social

A compreensão da realidade passa pela necessária inclusão da ação do sujeito que, através da sua elaboração criadora, dos vínculos que estabelece com o ambiente e da expressão da sua prática nas atividades sociais, “transforma e é transformado, concede significados, interpreta segundo

estruturas preestabelecidas e por ele produzidas, e essa ação de significação e objetivação também faz parte da realidade” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 86).

Incorporado a um mundo social e culturalmente estruturado, o indivíduo apropria-se do contexto ao mesmo tempo em que promove a inserção de sua atividade cotidiana e constrói sua autonomia. Os diversos espaços onde se realiza a ação do sujeito, em um contexto histórico, social e cultural concreto, comportam a expressão de duas dimensões da subjetividade: a individual e a social. Conforme González Rey (2002, p. 141), “a *subjetividade individual* indica processos e formas de organização da subjetividade que ocorrem nas histórias diferenciadas dos sujeitos individuais. Portanto ela delimita um espaço de subjetivação que contradiz e de forma permanente se confronta com os espaços sociais de subjetivação”. Já a *subjetividade social* “apresenta-se nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços em que vivemos etc. e está atravessada pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 24), buscando explicar a complexidade sistêmica dos vários espaços sociais de atuação dos sujeitos.

O intercâmbio entre a ação cotidiana e a subjetividade ao mesmo tempo elaborada, resulta em sentidos construídos nas interações sociais dos indivíduos. Tal processo requer desse indivíduo uma busca constante na tentativa de afirmar-se como sujeito e de desenvolver e realizar sua autonomia no espaço de sua ação social. Nesse sentido, apesar de compreender duas dimensões como constituintes da subjetividade, González Rey (2005a) defende que elas são momentos diferentes de um mesmo sistema, que acontecem e se desenvolvem de maneira processual e indissociável, e se constituem de maneira recíproca, ou seja, uma está constituída pela outra.

2. EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA

A subjetividade se constitui no objeto de estudo principal pesquisado por González Rey. No decorrer do seu percurso como pesquisador, ele argumenta e justifica que o positivismo e o empirismo são teorias insuficientes para o estudo de um tema tão complexo como a subjetividade, pois analisam a realidade de maneira superficial, parcial, fragmentada e linear, assumindo um

caráter essencialmente descritivo dos problemas investigados. Para estudar problemas complexos como a subjetividade, ele defende que a definição metodológica deve ser de caráter qualitativo-participativa, o que não significa excluir os dados quantitativos e não se limita somente à escolha do tipo de instrumentos de coleta de dados.

Ao explicitar suas opções teórico-metodológicas, González Rey (1997) elabora a teoria da **Epistemologia Qualitativa**, visando à superação da simples identificação da pesquisa qualitativa com a metodologia qualitativa, na perspectiva da compreensão do caráter subjetivo do próprio processo de construção do conhecimento que acontece no decorrer das investigações. Nesse sentido, o autor argumenta o seguinte:

Partindo da Epistemologia Qualitativa, tento desenvolver uma reflexão aberta e sem *âncoras* apriorísticas em relação às exigências e às necessidades de produzir conhecimento em uma perspectiva qualitativa; tento buscar uma posição quanto às novas perguntas e respostas criadas ao implementar um processo diferente de construção do conhecimento, evitando assim transitar por novas opções utilizando princípios já estabelecidos por representações epistemológicas anteriores que não respondem aos novos desafios. Essa tentativa (...) [visa ao] desenvolvimento de epistemologias particulares nos diferentes campos do conhecimento, fato que considero a única forma real de enfrentar os desafios epistemológicos que vão aparecendo nos campos metodológicos particulares de cada ciência (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 5).

Percebe-se nessas colocações a preocupação do autor em elaborar um processo de pesquisa que atenda aos desafios da sociedade atual, uma realidade em constante mudança que precisa que os pesquisadores superem a visão centrada nos instrumentos de coleta de dados e avancem na perspectiva de reconstruir permanentemente o processo de pesquisa, articulando constantemente a construção teórica com o momento empírico. Nesse sentido, “a pesquisa qualitativa que assume os princípios da Epistemologia Qualitativa se caracteriza pelo seu caráter construtivo-interpretativo, dialógico e pela sua atenção ao estudo dos casos singulares” (GONZÁLEZ REY, 2001, p. 4).

O *caráter construtivo-interpretativo do conhecimento* assume importância significativa como princípio da Epistemologia Qualitativa quando se reconhece que a realidade é um domínio infinito de campos inter-relacionados de maneira complexa, e que, por meio das práticas de investigação, é possível

aproximar-se de uma parte dessa realidade, mas não da sua totalidade. Esse princípio também leva à compreensão do conhecimento como uma produção humana e não como apropriação linear da realidade estudada. A partir dessa perspectiva, González Rey (2005a, p. 6) elaborou o conceito de *zonas de sentido*, ou seja, os “espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica”.

A identificação das zonas de sentido explicita o caráter de incompletude da pesquisa, pois, ao concluir a investigação sobre um determinado problema, abrem-se novas possibilidades para a continuidade de outros estudos, que fazem com que o pesquisador construa teorias no decorrer das suas práticas investigativas. A construção de conhecimentos transversaliza os vários momentos de investigação que o pesquisador desenvolve, não acontece em um momento pontual e único desse processo, mas é uma ação constante frente à multiplicidade de materiais empíricos coletados, se caracterizando pela atividade pensante e construtiva do pesquisador.

Outro princípio da Epistemologia Qualitativa é a compreensão da pesquisa como *um processo de comunicação, um processo dialógico*, pois a maioria dos problemas sociais e humanos se expressa na comunicação direta e indireta entre as pessoas. Nesse sentido, “a comunicação é uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 13), fazendo com que o indivíduo se manifeste enquanto sujeito crítico e criativo. Esse princípio fundamenta também a escolha dos instrumentos de coleta de dados, por meio dos quais a comunicação entre o pesquisador e os sujeitos participantes da pesquisa se configura em um espaço legítimo e permanente de produção de informações.

Considerando os itens anteriores evidencia-se o terceiro princípio da Epistemologia Qualitativa: *a legitimação dos casos singulares como instância de produção do conhecimento científico*. A partir das informações que os casos singulares expressam nos processos de comunicação, o pesquisador, envolvido em um processo de implicação intelectual, vivencia momentos de

tensão, de ruptura, de continuidade e de contradições frente ao modelo teórico em desenvolvimento. Esses conflitos proporcionam o surgimento de novas zonas de sentido, que, conseqüentemente, provocam avanços na construção teórico-metodológica da pesquisa e na compreensão da subjetividade no estudo do ser humano, da cultura e da sociedade.

2.1. O papel do pesquisador

No desenvolvimento da pesquisa, a construção das informações é um momento de extrema atenção e comprometimento por parte do pesquisador. Uma exigência desse processo é o seu caráter ativo e a sua responsabilidade intelectual pela construção teórica resultante da pesquisa.

Em sua trajetória na construção das informações, o pesquisador normalmente apoia-se na formação de uma síntese teórica, que envolve representações teóricas, valores e intuições, resultantes de novas ideias nem sempre presentes nos conteúdos por ele abordados. Tal processo estabelece em seu trabalho relações obtidas por meio do aprendizado empírico, desencadeando novas ideias, que, por sua vez, proporcionam a abertura de outras linhas de estudo, algumas das quais podem ser totalmente inéditas. Nesse sentido, o pesquisador deve estar atento aos modelos teóricos que o embasam, pois os mesmos estão diretamente envolvidos no processo de legitimação do conhecimento, que é necessariamente construído de maneira processual.

Segundo González Rey (2005a), presente em todo tipo de comportamento ou expressão humana, a organização subjetiva é para o pesquisador um campo considerado complexo, uma vez que cada ser é único, impossibilitando a geração de um conhecimento que seja caracterizado como universal. Ao desenvolver um estudo qualitativo, cabe ao pesquisador a grande responsabilidade de estar atento à própria criatividade, à flexibilidade e à capacidade de perceber-se como sujeito da pesquisa, uma vez que ele representa neste momento um núcleo gerador de pensamento que o torna inseparável da pesquisa.

O pesquisador faz parte da pesquisa no papel de facilitador da dinâmica que favorece o diálogo no processo de investigação e descoberta dos fatos de maior ou menor relevância aplicada ao estudo desenvolvido, sendo suas

decisões de grande responsabilidade para o sucesso do trabalho. Tal responsabilidade está ligada ao conhecimento produzido, uma vez que é autor e sujeito da produção do conhecimento.

O pesquisador deve ter em mente que o processo de construção da informação é um processo hipotético em que a proposta de uma configuração subjetiva é uma representação teórica capaz de favorecer visibilidade sobre processos de pesquisa que, até hoje, haviam sido desconsiderados por algumas áreas. A partir do modelo teórico que o orienta, o pesquisador entra no processo de construção da informação por meio de elaborações e interpretações, que representam formas de concretização e de organização do processo construtivo-interpretativo, permitindo seu desenvolvimento por meio de núcleos de significação teórica.

2.2. Os sujeitos participantes da pesquisa

A pesquisa qualitativa é vista como uma forma de produzir conhecimentos que permite enfrentar problemas que, por sua natureza, envolvem tanto o estudo de grupos grandes, normalmente estudos comunitários e institucionais, quanto de grupos pequenos ou indivíduos, por meio do estudo de casos. Para González Rey (2005a, p. 108), “a amostra é um conceito carregado de limitações epistemológicas do modelo quantitativo tradicional, o que não nega sua eficácia diante de determinados problemas de pesquisa”. Entretanto, na pesquisa qualitativa, não é o tamanho do grupo que define os procedimentos de construção do conhecimento, mas as exigências de informação quanto ao modelo em construção que a caracterizam.

Os grupos a serem trabalhados na pesquisa qualitativa são definidos em função das necessidades que vão aparecendo no transcorrer da pesquisa, e a seleção do grupo envolve hipóteses feitas pelo próprio pesquisador. Nesse sentido, “os estudos realizados com grupos grandes mantêm-se fiéis aos mesmos princípios epistemológicos que guiam os estudos de caso e os estudos de pequenos grupos” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 111). Em tais situações, não se exclui o trabalho com sujeitos individuais, uma vez que os mesmos representam informantes-chaves, por serem capazes de promover informações de grande relevância em relação ao problema estudado e aos objetivos propostos na pesquisa.

Contrariando os critérios estabelecidos na pesquisa quantitativa, o número ideal de pessoas a ser considerado na pesquisa qualitativa se define pelas próprias demandas do processo de construção de informação intrínseco à mesma, na qual o sujeito é uma unidade essencial. A singularidade é a única via que estimula os processos de construção teórica portadores de um valor de generalização perante o estudo da subjetividade. Assim, na pesquisa qualitativa é explícita a necessidade cada vez maior de observação do sujeito, sua filosofia pessoal e suas experiências, capazes de contribuir para um novo conhecimento de sentido subjetivo que se torna fato real complexo. Nesse sentido, o estudo de caso

[...] representa uma ferramenta privilegiada para o acesso a uma fonte diferenciada que, de forma única, nos apresenta simultaneamente a constituição subjetiva da história própria (subjetividade individual) e uma forma não-repetível de subjetivação da realidade social que ao sujeito coube viver (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 156).

Entre os atributos significativos do sujeito, encontra-se sua capacidade de construção teórica junto ao pesquisador, embasada em suas próprias experiências no momento em que lhe é permitido, dentro da pesquisa qualitativa, apropriar-se de seus conhecimentos para construir e defender seu espaço subjetivo. Conforme González Rey (2005a), isso acontece no momento em que o sujeito participante compreende o significado da pesquisa como importante na sua subjetividade.

2.3. Definição do problema de pesquisa

A definição do problema implica uma representação sobre o objeto estudado que aparece após um processo de construções feito por meio de diversas leituras que proporcionam uma reelaboração das ideias pelo pesquisador, possibilitando sua reflexão sobre as possibilidades reais da pesquisa. Nessa perspectiva, González Rey (2002, p.73) aponta que

[...] quando falamos da definição do problema como um primeiro momento do projeto de pesquisa, não ignoramos o lugar da revisão bibliográfica, antes vemos a definição do problema em estreita relação com a atividade concreta do pesquisador, que pode pertencer a uma área da vida profissional, e não necessariamente ser um acadêmico ou pesquisador profissional que tem a reflexão comprometida com suas diferentes leituras.

A formulação do problema de pesquisa, contrariando o que se tem enfatizado historicamente na literatura, não acontece em um momento pré-estabelecido, de maneira formal, mas diante de inquietações e incertezas que surgem no contexto da realidade complexa. Essa formulação acontece de maneira progressiva, de uma representação que não deve e não pode ser tida como perfeita, uma vez que se caracteriza como a orientação das pesquisas que o pesquisador realiza no decorrer de sua vida, a qual é suscetível de mudanças. Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa qualitativa “é a construção de modelos teóricos compreensivos e com valor explicativo sobre sistemas complexos, cuja organização sistêmica é inacessível à observação, seja natural ou provocada” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 89).

O problema não pode ser uma elaboração imutável, uma vez que a pesquisa é um processo que deve começar com a incerteza e com o desafio, e se configura em uma representação que pode converter-se no primeiro momento do modelo teórico que será desenvolvido no curso da pesquisa. O problema não indica para o pesquisador apenas a representação teórica orientadora da pesquisa, mas também proporciona sua localização em um contexto não só de teorias geradoras de resultados, mas de referências quanto ao seu *status* de cenário de pesquisa e instrumento gerador de informações de relevância para o tema pesquisado.

2.4. Processo de construção das informações

Na pesquisa qualitativa orientada pela Epistemologia Qualitativa, o processo de construção da informação torna-se um dos momentos primordiais e mais complexos, visto que nessa perspectiva não se devem considerar os materiais empíricos e nem mesmo os dados adquiridos como verdades únicas. Segundo González Rey (2005a, p. 116), se o pesquisador assumir a postura dentro de um caráter indutivo-descritivo, elimina o que o mesmo considera como principal virtude que é

[...] o desenvolvimento de modelos teóricos sobre a informação produzida, que nos permitam visibilidade sobre um nível ontológico não acessível à observação imediata através da construção teórica de sentidos subjetivos e de configurações subjetivas envolvidas nos diferentes comportamentos e produções simbólicas do homem.

Isso se justifica, segundo o autor, no fato de que o sentido subjetivo surge de forma indireta na qualidade da informação, em uma palavra, na comparação de significados, nas manifestações gerais, nos comportamentos e expressões dos sujeitos pesquisados. Dessa forma vale ressaltar que a postura do pesquisador durante o desenvolvimento da pesquisa é de fundamental importância. Deve transpor o papel de coletor de dados e refletir-se em um caráter ativo e de responsabilidade intelectual pela construção da teoria, que será resultado da pesquisa e não se esgotará ao se findar, seguindo “o curso progressivo e aberto de um processo de construção e interpretação que acompanha todos os momentos da pesquisa” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 106).

Assim, o processo de construção da informação caracteriza-se por ser hipotético e mediato, possibilitando a integração de diferentes instrumentos metodológicos e situações vivas refletidas na experiência do sujeito, que se produz e se desenvolve no desenrolar da teoria, em um processo de construção contextual, processual e dinâmico da subjetividade, que remete a uma representação complexa da realidade. Dessa maneira, há como criar um modelo teórico que mostre diversos desdobramentos e aspectos que podem ser tratados de forma minuciosa, possibilitando o direcionamento de diferentes processos de construção teórica de acordo com os objetivos da pesquisa, visto que “um sistema de informação em processo de construção é infinito com relação às opções de produção teórica, conservando um valor para a pesquisa que está além da intencionalidade do pesquisador e de suas possibilidades ao desenvolver esse momento empírico” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 186).

Quando se pensa no processo de construção da informação, vale destacar que, no desenvolvimento da investigação, os dados fazem parte da construção teórica para se alcançar a legitimidade de tais conhecimentos, tão questionada quando se fala em pesquisa. Segundo González Rey (2005a), a coleta de dados não pode ser considerada como uma etapa da pesquisa, visto que o dado se produz, não apenas se coleta como alguns pesquisadores acreditam. O significado atribuído ao dado ocorre por meio de uma produção humana que deve estar aberta a novas informações que a realidade proporciona. Nesse sentido, a construção teórica ocorre em uma dimensão interpretativa realizada pelo pesquisador, o que possibilita a elaboração de um modelo teórico integrado a um sistema, em que a inteligibilidade é produzida

pelo pesquisador a partir da diversidade e riqueza de informações, que são verdadeiros trechos vivos do sujeito pesquisado.

Ao entrar nessa dimensão interpretativa a partir dos sentidos subjetivos, faz-se mister considerar e compreender os diferentes tipos de instrumentos que podem colaborar na construção da informação, tais como: a dinâmica conversacional, o complemento de frases, os questionários abertos e o instrumento de conflito de diálogos (GONZÁLEZ REY, 2005a).

A *dinâmica conversacional* parte do princípio de que a conversação desperta o sentido subjetivo do sujeito por meio da significação de sua experiência pessoal através da sua fala reflexiva. Promovendo o surgimento de novos processos simbólicos e emoções, a dinâmica conversacional leva o pesquisador à trama de sentidos subjetivos do sujeito pesquisado, o que possibilita a construção de configurações subjetivas para a elaboração do modelo teórico na perspectiva epistemológica. O pesquisador nesse momento tem o papel de facilitador da dinâmica que auxilia o diálogo. Dessa forma, há como recuperar o sujeito produtor e ativo na construção de suas experiências.

Com relação ao *complemento de frases*, esse instrumento é suscetível de múltiplas opções de análise qualitativa por ser um agrupamento *a priori* de frases que tem alguma ligação entre si, promovendo a possibilidade de entrar em campos de sentidos complexos. Isso favorece desdobramentos no decorrer da pesquisa, produzindo indicadores que são fundamentais para o desenvolvimento de modelos responsáveis pela inteligibilidade do problema estudado.

A construção da informação em *questionários abertos* vem sendo atualmente o instrumento mais utilizado nesse tipo de pesquisa, pois não estabelece padrões de respostas para uma análise de significação estatística. Segundo González Rey (2005a, p. 176), esse tipo de instrumento tem o propósito de, de “forma simultânea, produzir informação sobre um grupo, bem como sobre os sujeitos singulares que o constituem, sendo informações complementares em relação ao que nos interessa conhecer”. As perguntas realizadas buscam estimular o sujeito a expressar-se, a produzir trechos complexos de informações capazes de serem utilizados em outras construções teóricas.

Nessa perspectiva, González Rey (2005a, p. 191) aponta que

[...] o pesquisador ao longo da análise do questionário integra perguntas e informações, tanto de diferentes partes do questionário, como de diferentes fontes, nem sempre restritas às perguntas do questionário, desenvolvendo processos abrangentes de construção teórica dos tópicos que norteiam a pesquisa.

Assim, o pesquisador pode identificar os sentidos subjetivos que permitem a construção de hipóteses, focado nos objetivos da pesquisa, para uma análise interpretativa dos indicadores, não se limitando à análise fragmentada dos dados.

Por fim, o instrumento de *conflicto de diálogos* encontra-se como alicerce para o desenvolvimento de um instrumento psicológico, o qual considera o diálogo como fonte de um “conjunto de valores e de posições diante da vida e que, quando um conteúdo é apresentado como diálogo, toma uma forma menos estruturada e mais flexível que qualquer tipo de pergunta ou material de análise” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 193). Dessa forma, o pesquisador pode identificar os sentidos subjetivos do sujeito pesquisado por meio de suas expressões, realizadas com mais liberdade ao responder as perguntas feitas logo após a apresentação de diálogos elaborados de diversas naturezas. Tal fato permite ao pesquisador uma análise mais fidedigna dos indicadores e das configurações subjetivas que surgem em uma perspectiva construtivo-interpretativa baseada na Epistemologia Qualitativa.

Portanto a construção da informação é um processo contínuo que acontece durante toda a pesquisa, o qual se organiza e se estrutura por meio de indicadores, sentidos e configurações subjetivas identificadas a partir da aplicação dos instrumentos utilizados. Isso permite a elaboração de hipóteses, em que o pesquisador segue suas ideias e seus pensamentos vinculados aos sistemas de informações levantados na pesquisa, a fim de construir teorias, ou seja, produções humanas em um contexto histórico, real e complexo da sociedade.

2.5. Interpretação das informações

Na Epistemologia Qualitativa, o processo de interpretação das informações não acontece como momento final e conclusivo, após a coleta de dados, como ocorre na maioria das pesquisas. Ao invés disso, González Rey

(2002) defende que a interpretação das informações acontece durante todo o processo da pesquisa, pois o empírico e o teórico são indissociáveis, argumento que reforça o caráter construtivo-interpretativo da sua epistemologia.

Esse processo de construção acontece efetivamente quando o pesquisador organiza suas análises em *categorias*, as quais “são instrumentos do pensamento que expressam não só um momento do objeto estudado, mas o contexto histórico-cultural em que esse momento surge como significado e, com ele, a história do pesquisador, que é elemento relevante na explicação de sua sensibilidade criativa” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 60). Diferente da compreensão da organização de categorias na perspectiva da fragmentação dos dados coletados, na Epistemologia Qualitativa esse processo revela a construção teórica que o pesquisador elabora a partir das informações produzidas pelos sujeitos no momento empírico, o que não se esgota na realização de uma única pesquisa.

O desenvolvimento de categorias no processo da construção teórica do pesquisador ao longo das várias investigações que realiza, resulta da identificação dos *indicadores*,

[...] elementos que adquirem significação graças à interpretação do pesquisador, ou seja, sua significação não é acessível de forma direta à experiência, nem aparece em sistema de correlação. [...] O indicador só se constrói sobre a base de informação implícita e indireta, pois não determina nenhuma conclusão do pesquisador em relação ao estudado; representa só um momento hipotético no processo de produção da informação (GONZÁLEZ REY, 2002, p.112).

O desenvolvimento de indicadores na análise das informações produzidas pelos sujeitos no momento empírico, leva ao desenvolvimento de novos conceitos e categorias por parte do pesquisador, dois processos complexos, criativos e delicados que acontecem de maneira inter-relacionada. Considerando que esse é um processo contínuo, a pesquisa não visa à elaboração de resultados finais para serem tomados como referenciais universais em relação ao tema estudado, mas à produção de novos conhecimentos que ampliam e aprofundam o processo geral de construção de conhecimentos por parte do pesquisador.

Esse processo de construção teórica acontece por meio da *lógica configuracional*, a qual supera os processos lógicos tradicionais da indução e da dedução, pois “coloca o pesquisador no centro do processo produtivo e se refere aos diferentes processos de relação do pesquisador com o problema pesquisado; [...] e está orientada para definir os complexos processos intelectuais envolvidos no desenvolvimento do conhecimento sobre a subjetividade” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 127).

Nesse sentido, o pesquisador assume papel ativo em todas as decisões que toma no decorrer da pesquisa, pois não há regras pré-determinadas e inflexíveis. Dependendo das situações que acontecem, seu envolvimento com a complexidade e com a diversidade dos problemas estudados no processo de construção teórica orienta suas reflexões e decisões, que não são certezas, mas sim permeadas por momentos de conflitos, incertezas e contradições. A lógica configuracional é, assim, um processo aberto de análise, que acontece de maneira irregular e contraditória.

Junto a esse processo de análise, acontece também a generalização, que, na Epistemologia Qualitativa, é entendida de maneira diferente do que na maioria das pesquisas. Ao invés de fazer a verificabilidade de conhecimentos, a significação estatística de variáveis ou a utilização de categorias teóricas invariáveis, a generalização deixa de ser uma constatação para converter-se em um processo construtivo. Assim,

[...] a generalização é um processo teórico que permite integrar em um mesmo espaço de significação elementos que antes não tinham relação entre si em termos de conhecimento. [...] A generalização é também resultado de construções teóricas complexas que permitem a inteligibilidade de fenômenos inexistentes para a ciência antes da aparição daquela. Uma construção teórica que permite incorporar de forma estável novos processos ou fragmentos do estudado ao momento atual de produção de conhecimento é uma construção com elevado potencial de generalização (GONZÁLEZ REY, 2002, p.164).

Tal compreensão permite visualizar o valor dos casos particulares na construção teórica e sua importância no processo de generalização, uma vez que não são os resultados que são generalizados, mas a construção teórica decorrente da análise das informações produzidas pelos sujeitos participantes da pesquisa. Essa compreensão torna-se incoerente em uma perspectiva empirista, em que um único caso não tem legitimidade para sustentar uma

conclusão significativa. Entretanto, no momento em que se destacam não os resultados, mas o processo teórico construído, os casos particulares assumem uma significação importante na generalização, pois há situações de pesquisa em que um único sujeito possibilita novos desafios ao pesquisador ao expressar sentidos subjetivos não identificados em informações anteriores, gerando novas ideias e reflexões com alto potencial generalizador.

Considerações Finais

Percebe-se, com este estudo sobre a subjetividade na pesquisa qualitativa, que, na perspectiva da Epistemologia Qualitativa, a construção do conhecimento é um processo contínuo e dialógico, em que a teoria é construída no decorrer das práticas investigativas. As discussões sobre a subjetividade são atuais, pois buscam compreender a complexidade humana em um universo em que o sujeito se encontra em relação constante com o outro a partir das experiências que vivencia.

A partir do panorama teórico referenciado em González Rey, conclui-se que o papel da subjetividade na pesquisa diz respeito ao processo histórico-cultural do indivíduo e da sociedade. Dessa forma, é possível compreender o social como produtor de sentidos e espaços em que se manifestam contradições e singularidades dos sentidos subjetivos dos sujeitos individuais. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador assume um papel desafiador e complexo, pois participa ativamente buscando produzir um cenário de pesquisa que contribua para o posicionamento e a expressão dos sujeitos envolvidos.

Assim, cabe ao pesquisador, por meio de instrumentos de pesquisa que favoreçam o diálogo, proporcionar aos sujeitos pesquisados um espaço de manifestação dos seus sentidos subjetivos, tendo em vista a construção de um modelo teórico com múltiplas possibilidades de interpretação. Sob essa perspectiva, a pesquisa é marcada por infindáveis desdobramentos, favorecendo o desenvolvimento da produção teórica e a construção de novos caminhos que se abrem para a prática do pesquisador.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: **Anais da 24ª. Reunião Anual da ANPEd**. Outubro 2001.

Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/24/te7.doc. Acesso em: 20 abr. 2008.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

_____. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005c.

HERNÁNDEZ, Ovidio D'Angelo. Subjetividade e complexidade: Processos de construção e transformação individual e social. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

_____. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NEUBERN, Maurício da Silva. A subjetividade como noção fundamental do novo paradigma: breve ensaio. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.